

## O ACHADOR DE CACIMBA

*Socorro Acioli\**

... Não tem fonte de agoa, mas em cada lugar que quere achão  
agoa doce muito boa, cavando uã braça ou menos nesta área,  
e assi destas poças elles chamão quicimas...  
Angola, 1575 (*Dicionário Etimológico Brasileiro*, Antônio Geraldo da Cunha)

“Todo menino homem, que nasce às cinco da manhã em dia de sexta-feira, vem ao mundo com o dom de Moisés. Você nasceu protegido, menino.” Tetéu ouviu seu padrinho, Antônio Jeremias, dizer essa frase quando tinha oito anos de idade, no sertão de Caririagu, mas não compreendeu o significado. Não conhecia nenhum Moisés e, além disso, estava mais preocupado em voltar a brincar sob as goiabeiras do que tentar entender as profecias de seu padrinho letrado. Menos de um ano depois, brincando na terra como toda criança do sertão, Tetéu sentiu uma tontura ao pisar, com os pés descalços, em um certo ponto do solo árido e teve uma certeza: “pode cavar que aqui tem água”. E assim foi feito.

Desde então, Miguel Barros, o seu Tetéu, hoje com 81 anos de idade, é um “achador de cacimba” e vive viajando pelo sertão do Nordeste, marcando o melhor lugar para encontrar água e garantir a sobrevivência do sertanejo. Na cidade de Nova Olinda, onde mora, no sul do Ceará, não há quem fure o quintal de casa sem contratar seus serviços. O preço varia. Se o cliente for pobre, pode dar o agrado que quiser, mas “se for em fazenda de rico, cada cacimba vale quarenta reais”.

A profecia do padrinho Antônio Jeremias se cumpriu. De fato, o dom de Tetéu coincide com uma passagem da Bíblia, sobre Moisés, narrada no livro *Êxodo*. A história

---

\* Aluna de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará e professora da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri.

conta que Moisés, patriarca bíblico, estava conduzindo seu povo através do deserto de Sin, a caminho da Palestina, seguindo a ordem de seu Deus Iahweh. Ao acamparem em Rafidim, onde não havia água para beber, o povo murmurou contra Moisés e quase o apedrejou. Moisés rezou pedindo ajuda a seu Deus, que lhe respondeu: “Ao chegar em Horeb, toca a rocha com tua vara. Dela sairá água e teu povo beberá”. Moisés tocou a pedra, de onde brotou água e se fez um poço, o poço de Moisés.

Assim como Moisés, Tetéu também usa a vara como instrumento para encontrar água. Na verdade, duas varas. De preferência, galhos de ingazeira, “*a mais abençoada*”, de acordo com a experiência do achador de cacimba. Durante a entrevista, seu Tetéu me chama para o mato, onde fará uma demonstração do seu ritual. Primeiro, pega três pedras do chão em cada mão e se benze com elas. Depois, tira as sandálias, “*para sentir melhor quando pisar na veia d’água*”.

Tira também o relógio, a camisa. Risca o chão com as duas varetas, segura-as com força, apontando-as para baixo e começa a andar lentamente. Quando está chegando no ponto, as varetas envergam para cima até se partirem. “*Nesse lugar aqui, menina, pode furar que a água é muita*”. Além das varetas, seu Tetéu precisa colocar uma castanha de caju em cada bolso da calça, “*para agüentar a cãibra que sinto quando acho a veia d’água*”.

Uma dessas cãibras fez seu Tetéu desmaiar quando encontrou um ponto de água em Santana do Cariri. A força que veio da terra o fez cair no chão. Ainda tonto, ele intuiu que tinha encontrado um olho d’água aterrado pelos índios que habitaram a região há centenas de anos.

Em meio a tantas histórias, pergunto a seu Tetéu se alguma vez ele errou no seu trabalho, marcando um ponto onde não havia água sob a terra. “Em setenta e três anos só errei uma vez.” Foi em 1947. Aos 28 anos de idade, seu Tetéu foi chamado para marcar nove cacimbas nos Inhamuns. Havia tomado “umas cachaças” mas foi, mesmo assim. Das nove marcações, só acertou cinco.

O erro foi grave demais para ele. Seu Tetéu largou o emprego como policial e passou a vagar entre as pastagens. “*Eu fiquei assim, meio doido, andando com os carneiros.*” A frustração durou até ser tirado de seus devaneios pelo padre Vicente Feitosa, de Caririaçu, que lhe trazia um recado dos céus. “*Ele disse que tinha sonhado que, se eu deixasse de achar cacimba, eu ia enlouquecer. Que esse era meu destino, minha missão e que eu tinha que continuar.*” Nesse dia Tetéu recomeçou a vida e nunca mais errou em seu ofício.

Durante a conversa, seu Tetéu me mostra, orgulhoso, um presente que recebeu do “estrangeiro”: um álbum de fotos suas, registrando momentos das duas semanas que passou em Pernambuco, acompanhado de uma equipe de técnicos alemães que veio conhecer de perto o seu trabalho. *“De vez em quando aparece um doutor me pedindo pra achar cacimba. Eles ficam doidim perguntando como é que eu faço isso. Aí eu respondo: é o Dom de quem nasceu na hora de Moisés. Aí é que eles endoidam mesmo.”*

Sorriso fácil, de poucos dentes, face marcada. Rosário da mãe de Deus pendurado no pescoço, a marca registrada dos devotos de Padre Cícero. Um mistério para os técnicos europeus. Um milagre para os que bebem água de suas cacimbas. Um orgulho para sua família. Casado pela segunda vez, seu Tetéu tem doze filhos. Dois deles, Ana e Miguel Barros, fazem parte da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, Organização Não-Governamental em Nova Olinda, onde funciona uma escola de comunicação para crianças sertanejas.

Miguel, o mais velho, já viajou para os Estados Unidos representando o Brasil em um encontro mundial do Unicef. Ana, a mais nova, é professora da Escolinha de Iniciação Artística da Fundação. De uma maneira diferente, os filhos seguem o mesmo caminho do pai: encontrar uma saída para a dura sobrevivência no sertão. Enquanto os planejamentos políticos não chegam para ajudar os sertanejos, seu Tetéu vai cumprindo sua missão e ensinando aos técnicos que batem à sua porta a mais simples das lições: *“A terra é como o corpo humano, se encontrar as suas veias, a água nunca vai faltar”*.